

30/08/2019

Ao sol em tempos de escuridão

Lucrecia Bobbit Filgueiras

[Enfermeira. Professora]

No meu texto anterior, comentei que em outra oportunidade falaria da relação da Academia com os serviços de saúde. Ainda não será hoje.

Uma fala do presidente brasileiro em exercício de total menosprezo com médicos cubanos e, principalmente, com os profissionais da enfermagem atravessaram minha intenção anterior. A urgência da ofensa requer uma urgência na reação à mesma. Enfermeira há 30 anos, atuando diretamente na assistência, ou seja, trabalho em meio às seringas, feridas, estetoscópios, dores, odores, medicações e et ceteras que tangenciam todas as formas de sofrimento humano pela perda da saúde. Por força da vida e da criação, em que a palavra dada tem a importância que as palavras entoadas em tom de promessa ou afirmativas devem ter, me veio voando à lembrança uma história da minha infância no interior. Contada por muitas vezes, inúmeras vezes foi motivo de galhofas e desentendimentos.

Falavam existir um fazendeiro muito rico, desses que são donos de terra a perder de vista, também negociante, mas que era temido por seus pares no aspecto da palavra dada, nos tempos em que muitos dos acordos comerciais eram feitos “no fio do bigode” e os homens retiravam um fio da própria barba para lacrar o acordo feito.

Pois bem, diziam que quando o negócio desinteressava ao nosso famoso fazendeiro ele retirava a palavra dada.

E dizia, sem a menor parcimônia frente ao desagrado dos seus pares, “a palavra é minha, eu dou e tiro na hora que eu quiser!” E assim... que ficasse o outro no prejuízo ou aborrecido. Segundo ouvi, repetiu tal atitude até o final dos tempos dele. Apesar da peculiaridade da história relatada, ao contrário dela, prezo pela palavra dada.

E não me vejo como admiradora das pessoas que desprezam a importância de sua própria fala.

Na fala, não só como forma de comunicação verbal, mas no demonstrar sentimentos. A sua fala também é um reflexo seu no outro, a forma como ele te interpreta, julga e avalia. Então, daqui do meu repouso, lembro do que dizia minha amada tia Alzira, cuidado com o quê e como FALA.

Sábria Alzira, não só devemos nos preocupar com a fala nos seus aspectos funcionais, mas no quanto ela te representa.

Impregnada de uma “*máfulamaldicta*” - palavra de um idioma de seres inferiores oriundos dos esgotos do Cosmos - que quer dizer a mesma coisa que discurso, narrativa,

exposição oral... minha categoria profissional foi surpreendida com o distrato “no fio do bigode” pelo presidente da república, em matéria de respeito ao povo que representa. Diz lá a “*máfulamaldicta*” que os médicos formados no exterior ou estrangeiros do (“novo”) Programa Médicos Pelo Brasil que não fossem aprovados no Revalida (exame aplicado após 2 anos atuando no Programa) *teriam que escolher outra “coisa” para fazer, por exemplo, poderiam exercer a Enfermagem, obviamente ganhando menos.*

Os órgãos de classe se manifestaram a esse respeito [ver [Conselho Federal de Enfermagem](#), [COREN/RJ](#), [COREN/SP](#)], repudiando o despautério proferido pelo presidente da república. Pergunto: por que essa pedra atirada gratuitamente contra nós? Será para celebrarmos [que tiro foi esse?](#) O que foi esse ataque?

Uma falha, uma imperícia na articulação das palavras, um simples desconhecimento, um tropeço na eloquência, uma comparação infeliz, um errinho, um pequeno escorregão? Não. Isso tem, a meu ver, duas causas básicas.

A primeira é o despreparo e a ignorância sobre o papel do Estado no provimento de políticas públicas, especialmente da saúde, cuja ideologia de extrema direita e hiperliberal, castrou de seu dicionário de governança a aplicabilidade amorosa da palavra solidariedade. A outra causa diz respeito a nós. Nós enfermeiros. Nós profissionais de saúde de qualquer gênero que optamos por esta carreira e historicamente recebemos estereótipos sexuais e nos tornamos alvos “passivos”. Somos na maioria mulheres, negras ou pardas, e o contingente de homens, muitas vezes, é questionado quanto à sua opção sexual. Estilizam nossos uniformes e fazem fantasias eróticas e para o carnaval.

Nós que muitas vezes nos calamos e não reagimos com a marginalidade social que nos foi imposta.

Até que ponto nós enquanto categoria concordaremos com essas atitudes medonhas? Nós que somos chamadas muitas vezes aos berros pela dor dos nossos pacientes ou pela arrogância das nossas chefias. Mas também somos nós que levamos os pacientes ao sol. Ao sol que nem sempre nos ilumina com a luz do respeito e dignificação de nosso trabalho. E ao sol, agora, mais do que nunca, em tempos de escuridão. Parte dos profissionais de enfermagem está indignada com essa agressão gratuita.

Resta saber se os quantos (milhares/milhões?) profissionais de saúde que elegeram esse (seu) representante em exercício o que pensam disso. Difícil saber, como tem sido difícil conviver com alguns desses no corre-corre dos corredores, em que colocamos nossas vidas e profissões à disposição da coisa pública e defesa da saúde de todos, inclusive daqueles que aplaudem as ofensas contra nós...

■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.